



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

CARLOS EDUARDO MOLL DOS SANTOS

(depoimento)

2016

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias
Número da entrevista: E-705
Entrevistado: Carlos Eduardo Moll dos Santos
Nascimento: não informado
Local da entrevista: Arena do Grêmio
Entrevistadora: Luiza Aguiar dos Anjos
Data da entrevista: 01/06/2016
Transcrição: Kênia Gouvea Garrafiel
Copidesque: William Charles Osório Gomes
Pesquisa: Kênia Gouvea Garrafiel e Luiza Aguiar dos Anjos
Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner
Total de gravação: 1 hora 35 minutos e 15 segundos
Páginas Digitadas: 31 páginas
Observações:

Entrevista realizada para a produção da Tese de Doutorado de Luiza Aguiar dos Anjos intitulada *De “São bichas, mas são nossas” à “Diversidade da Alegria”: uma história da torcida Coligay* apresentada no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano em agosto de 2018

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Começo da paixão pelo Grêmio; Carreira profissional; Primeiros envolvimento com o Grêmio; Peças expostas no Museu Hermínio Bittencourt no Estádio Olímpico Monumental; Espaço destinado à torcida e a Coligay no Museu; Composição do Museu na Arena do Grêmio; Conta histórias sobre a torcida do Grêmio; Importância da Coligay para o Grêmio; Comparação do racismo no Grêmio e no Internacional; Características da torcida do Grêmio.

Porto Alegre, 01 de junho de 2016. Entrevista com Carlos Eduardo Moll dos Santos a cargo das pesquisadoras Luiza Aguiar dos Anjos e Kênia Gouvea Garrafiel para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

L.A. – Primeiro, Carlos, obrigada por nos receber aqui.

C.M. – De nada.

L.A. – Queria que você começasse me falando um pouco de como é começou sua relação com o futebol e mais especificamente com o Grêmio¹.

C.M. – Eu comecei desde criança. Sempre foi a história da bola, do guri com a bola, que foi para mim forte. Eu queria ser jogador de futebol quando eu era criança e eu me tornei gremista já quando eu tinha cinco, seis anos e, digamos, se solidificou ser gremista porque o meu primeiro jogo foi a final do Campeonato Gaúcho de 1977. Que um jogo emblemático na história do Grêmio porque acaba com a sequência de oito títulos do Internacional². É um título que o jogo foi por si só já um jogo único. Um jogo que lá pelos quarenta minutos do segundo tempo a torcida invadiu o campo e acabou o jogo por ali mesmo. Então foi um jogo realmente histórico e aquilo foi o que solidificou eu ser gremista. Mas quando tu é criança na realidade, de certa forma, tu está muito mais à sorte dos eventos do que qualquer coisa racional ou emotiva, de forma mais significativa. É emotivo, mas não é porque tu escolheu muito. Tu acaba sendo levado por uma coisa ou por outra para escolher aqui em Porto Alegre. Porque é uma doença do futebol, aqui uma doença. Não sei se é do mesmo nível que é em Belo Horizonte, mas aqui é “ou tu é gremista ou tu é colorado”. E é uma coisa que mesmo que tu não goste de futebol, tu acaba levando para o resto da vida. Eu fui jogar na escolinha do Grêmio lá pelo final de 1978, 1979, 1980. Joguei na escolinha do Grêmio alguns anos. E depois a vida muda. Tu acaba sendo levado por causa dos estudos, para outro lado e vai dar grandes voltas. Eu sempre segui acompanhando o Grêmio. Eu vi o Grêmio ser Campeão do Mundo quando eu morava em Florianópolis, criança ainda. Eu tinha doze anos, mas nunca deixei de acompanhar, sempre fui acompanhando o Grêmio e juntando material

¹ Grêmio Foot Ball Porto Alegrense.

² Sport Club Internacional.

sobre o Grêmio, sobre outras coisas de cultura, como música e sempre tive essa coisa de acumulador. Então de certa forma, essa vertente histórica que apareceu no meu teste para o vestibular, que eu fiz aquele teste vocacional, apareceu naquilo. Acabou se manifestando mais tarde quando eu trabalhando como designer gráfico em uma empresa que fazia revista de House Organ³. Eu acabei virando também escritor, porque eu comecei ter que editar texto e o dono daquela empresa era um cara daqueles que sentava ali e escreve tudo na hora. Então ele chegava lá para dar o retoque final nas revistas. Então as revistas do Grêmio que eu fui fazer de 1998 até 2001, ele sentava do meu lado, a gente virando noite trabalhando e eu via ele fazendo a edição. Então eu aprendi muito vendo ele editar, porque ele era muito bom nisso. O Fernando Di Primio. E ali eu aprendi um pouco a escrever, não digo que eu saiba escrever, eu sou simplesmente uma pessoa comum que escreve razoavelmente. Mas ali eu aprendi um pouco a escrever, me tornei editor no sentido de editar e de escolher o que vai, de ver o viés do que está sendo publicado, de tudo que envolve realmente e também de correr atrás dos fornecedores, fotógrafos, jornalistas, etc. Então nessa época que eu trabalhei fazendo a revista do Grêmio, eu acabei conhecendo a Dona Ema⁵ do Museu do Grêmio. A gente ia pedir material para o Grêmio, para fazer matérias históricas principalmente. E lá eu conheci o Seu Bordin, o Raimundo Bordin⁶, que eu recordo como sendo a pessoa mais importante de toda a história da conservação da história do Grêmio, porque ele, já naquela altura, já era um senhor de setenta e tantos anos. Ele foi morrer em 2008 com oitenta, eu sei exatamente, mas oitenta e cinco, oitenta e seis anos. Já era um senhor bem já desgastado pelo tempo e era o cara que tinha guardado tudo do Grêmio, na verdade, durante os anos que ele viveu. Ele nasceu na década de 1930, no final da década de 1920. E do que veio para a frente dele, ele tinha. Tinha as fotos. Foi a partir do material dele que o acervo histórico do Grêmio se formou, porque o Grêmio em si tinha guardado os troféus. Então eu conversando com o Raimundo Bordin, eu, *bah!* Passei algumas tardes conversando com ele e aquelas tardes ali ficaram na minha memória porque foi “Eu adoraria fazer isso”, foi o que eu pensei. E no final das contas, infelizmente, eu fui entrar no Grêmio quando ele morreu. O que aconteceu? Eu trabalhei até 2001 fazendo essa revista, então em 2006 eu estava trabalhando de autônomo, fui levar o meu material que eu tinha de jornais acumulados do Grêmio, coisa

³ Revista, boletim ou jornal interno de uma empresa.

⁵ Ema Teresa Faquim Coelho de Souza.

⁶ Raimundo Borbin.

que de repente podiam ser útil para eles. Até coisas que sobravam das revistas, fotos que estavam lá. Fui levar lá para a Dona Ema, para doar para o Museu. E surgiu ideia, “vem cá, de repente tu vem trabalhar com a gente um dia”. Tá, eu achei ótima a ideia. Só que o tempo passou e até esqueci que isso pudesse acontecer. Até que um dia, no começo de 2008, o Seu Bordin foi atropelado do lado do Olímpico⁷. Ele tinha um apartamento que era do outro lado da avenida e foi atravessar em uma curva perigosa, foi atropelado e morreu. Eu fui no velório dele. *Bah!* não encontrei a Dona Ema naquele dia, mas, para minha surpresa dois meses depois ela me ligou perguntando se eu queria trabalhar com eles e eu fui trabalhar com eles. E assim eu entrei no Grêmio. Eu entrei o Grêmio, de certa forma, para modernizar o Museu, para ajudar a começar o trabalho de modernização. Por quê? Porque todo esse trabalho de preservação da história tinha sido feito de uma forma empírica. Não tinha uma organização científica ou museológica, digamos assim. Até porque até a museologia mesmo, ela só foi começada a ser levada mais a sério a partir de 2003, no Brasil. Apesar de já existir desde muito antes, mas assim a museologia como uma área inseparável da biblioteconomia, da arquivologia, foi em 2003 que começou o trabalho de ter cursos de museologia e a legislação foi desenvolvida a partir daí. Então assim, eu entrei para começar a trazer um pouco de modernidade nisso. Para digitalizar material, porque até então era muito jornal, jornal era o que mais tinha de, digamos, registro histórico. E esse jornal mesmo que tinha era a partir, mais ou menos, da entrada da Dona Ema no Museu para fazer a sala de troféus do Grêmio, em 1983. A Dona Ema começou uma semana antes de o Grêmio ser Campeão da América em 1983. O presidente Fábio Koff⁸ chamou ela e o Hermínio Bittencourt⁹, que era um ex-presidente e é talvez a pessoa mais querida da história, sempre lembrado positivamente, um cara de quem não se fala nada negativo nunca, que estava vivo naquela época. Então foi o Hermínio Bittencourt, o Henrique Amábile¹⁰, que era também um dirigente, um cara que estava sempre com o Grêmio, desde muito tempo antes, e a Dona Ema que começou a trabalhar para organizar a sala de troféus. Essa sala de troféus foi de fato não foi a primeira sala de troféus da história do Grêmio, mas, digamos que foi a primeira vez que a coisa foi institucionalizada de uma forma mais clara para o público. E naquela época devia ter uns dois mil e quinhentos troféus. Peças, né? São peças de todos os esportes na verdade, o

⁷ Estádio Olímpico Monumental.

⁸ Fábio André Koff.

⁹ Hermínio Fernandes Bittencourt.

¹⁰ Henrique Amábile Filho

Grêmio teve quase tudo que é esporte que tu possa imaginar. Então além dos do futebol tu tinha, literalmente, uma *baita* sala com um *monte* de troféus. E a Dona Ema organizou com eles essa primeira sala de troféus. E depois essa sala de troféus foi virar Museu em 1988, com o presidente Paulo Odone¹¹. Ela foi virar com uma exposição de itens históricos que contava um pouco da história do Grêmio. Depois, quando se entra em reforma é sempre perigoso em um clube porque tu pode passar muito mais tempo fechado do que tu pensa que tu vai. E lá no final da década, eu acho que foi em 1999, o museu depois de já ter sido atualizado uma vez, ele foi fechado para uma reforma ampla. Estava se aproximando do centenário do clube e ele só foi ser reinaugurado no centenário do clube. Um ano depois do centenário do clube, em 2004, na verdade. Ele foi inaugurado nessa versão que estava lá no Olímpico até o fechamento do Olímpico, que é o Museu Hermínio Bittencourt. Nesse meio tempo o Hermínio Bittencourt faleceu e foi dado o nome dele ao museu. Então eu fui conhecer eles nessa época da década de 1990, ainda no museu da versão antiga e depois eu vim trabalhar já na última versão do museu, lá no Olímpico. E eu comecei a fazer lá trabalho de digitalização de vídeo, organização de vídeo, digitalização de imagem, que era uma das coisas que eu era especialista porque eu trabalhava com designer gráfico. E a partir daí tu acaba te metendo em tudo de certa forma. Porque também não existia uma estrutura profissional. Até porque como eu te disse, museologia é uma coisa que está se profissionalizando agora, de verdade. Então, assim eu comecei a me meter em tudo. Comecei a me meter em história, fui aprendendo mais da história, aquilo que tu não aprende pela imprensa, aquilo que tu não aprende só vendo jogo da tua época própria. Fui conhecendo o passado do clube de verdade e acabei virando um especialista nisso, de certa forma. A Dona Ema saiu em 2013, com trinta anos de trabalho para o Grêmio e eu acabei ficando como chefe do museu porque foi uma questão natural, simplesmente. E hoje em dia a gente tem já uma equipe mais profissional que me ajuda a distribuir, porque é muita coisa para organizar e ainda tem *muito* trabalho para fazer. Certamente foi atrapalhado esse trabalho, atrapalhado entre aspas, porque a gente teve que se mudar para a Arena¹². Ou seja, a nós tivemos que sair com o Museu inteiro de tralhas, imagina a quantidade de coisas que é para tu mudar um Museu de um lado para o outro. É *muita* coisa! É quase equivalente ao resto do clube em termos de papel, de documento. Agora nós estamos reorganizando todo o acervo procurando

¹¹ Paulo Odone Chaves de Araújo Ribeiro.

¹² Arena do Grêmio.

ter uma organização profissional, seguindo as normas, de forma que quem entre aqui seja só usar as normas para conseguir se virar dentro do acervo, para achar as coisas. Estamos desenvolvendo um programa que seja um banco de dados eficiente para conseguir não, só fazer estatística de futebol, que é uma das coisas que mais pergunta e que não é nem muito o que me interessa, eu nunca fui muito de estatística de futebol, mas serve para torcedor tocar flauta um no outro, etc. Mas também para ter o acervo de museologia organizada de uma forma que tu procure um objeto e tu possa saber o histórico desse objeto, como qualquer outra peça.

L.A. – No momento em que você ingressou no Museu do Grêmio, ainda no Olímpico, era só você e a Dona Ema ou havia já um corpo de funcionários?

C.M. – É que havia um corpo de funcionários, mas a maioria desses funcionários eram mais voltados ao atendimento do Museu. O Museu passava aberto quase todos os dias, difícil fechar. Lá no Olímpico fechava às vezes aos domingos assim, mas quando tinha jogo não fechava. Então tinha que ter uma quantidade razoável de funcionários para cuidar, para vender ingressos, cuidar da própria área de exposição no Museu. Esses funcionários eram mais voltados a esse lado. Então, tinha uma secretária que trabalhava com a Dona Ema e tinha o Seu Hélio Devinar¹³, que não se pode esquecer de jeito nenhum. O Seu Hélio Devinar, que junto com o Bordin, foi quem trouxe parte dessa história do passado para o Grêmio. Seu Hélio Devinar trabalhava na Folha da Tarde¹⁴ e no Correio do Povo¹⁵, na parte de quem recebia anúncio para publicar. Acabou virando fotógrafo e chargista durante um tempo e ele começou a trabalhar como fotógrafo, diagramador das revistas do Grêmio e chargista também. Ele fazia aqueles desenhinhos que existiam no passado que descreviam os gols, porque não tinha os gols do Fantástico¹⁶ naquela época. Tu tinha, para se lembrar do gol, tu desenhava o gol. Fazia todo um esqueminha que é bem característico de uma época, que era ele que fazia para vários veículos. Então ele foi quem fez a diagramação e a parte de imagem da maioria das publicações do Grêmio durante a década de 1960, 1970 e 1980. O trabalho mais completo que existe em termos dessas revistas que foram lançadas, é

¹³ Ilustrador Hélio Devinar.

¹⁴ Jornal Folha da Tarde.

¹⁵ Jornal Correio do Povo.

¹⁶ Programa de televisão.

uma coleção chamada História do Grêmio que foi lançada em 1983, coincidentemente com o título do Mundial, mas foi lançada antes do Mundial. Que são sete revistas, mas são sete revistas que de uma forma, digamos, descritiva, narram praticamente ano a ano a vida do Grêmio até 1983 que seriam oitenta anos do Grêmio. Então assim, o Seu Bordin e o Seu Hélio. O Seu Bordin com a história toda e o Seu Hélio com as imagens, foram os dois grandes guardiões dessa memória, que depois quando a Dona Ema chegou, ela organizou isso e transformou no Museu, que foi levado até o final do Olímpico.

L.A. – E no momento do seu ingresso no Museu que tipo de coisas eram expostas? Tinham os troféus, mas já tinham as peças históricas, não é? Que peças eram essas?

C.M. – Sim. Tinham, além de troféus, pratos e outras coisas que são desde homenagens à títulos. Tinham medalhas, muitas medalhas, tinha objetos de alguns jogadores antigos como relógio, anel. Geralmente relógios ganhos que têm a ver “ganhei esse relógio naquela competição. O anel naquela competição”. Ou até mesmo como alguma homenagem porque o cara tem um nome na história. O Lara¹⁷ que é o jogador símbolo do Grêmio, ele tinha uma máscara mortuária feita de gesso que estava lá. É uma coisa bastante diferente assim, digamos. Tu tem tudo, desde memorabilia como caixinha de fósforo, bonecos do passado, bonecos do presente, bonequinhos. faixas de campeão, cachecol do clube. Todo esse tipo de objeto que faz parte de uma memorabilia de torcedor, memorabilia de coisas que são produzidas e se perdem no tempo se ninguém guardar. Tem tudo isso, tinha carteira de sócios, bolas, bolas do passado. A gente tinha pouco uniforme antigo porque os uniformes eles eram usados até virar trapo, no passado antes de virar uma indústria o uniforme. Então muita gente que ainda tem uniforme do passado, se tu vai olhar, está tudo meio rasgado porque o negócio era realmente os caras usarem até não poder mais. Então nós temos uniformes, mas desde oitenta e poucos tem quase todos os uniformes. E, bom, todo esse tipo de objeto assim, bolas de títulos, chuteiras, camisas importantes, camisas como camisa do Tarciso¹⁸ no Mundial, nós temos, que é uma das camisas mais importantes. O Tarciso é o jogador que mais jogou com a camisa do Grêmio, é o segundo que mais marcou gol e foi

¹⁷ Eurico Lara.

¹⁸ José Tarciso de Souza.

Campeão Mundial. Ele estava presente no auge da história. Então é uma camisa realmente muito importante, é uma das que a gente tem.

L.A. – E como era o processo de decisão do que ia ser exposto e do que não ia ser exposto?

C.M. – Olha. De certa forma esse trabalho que eu citei do Bordin e com o Seu Hélio que foi a história registrada do Grêmio de 1983, ele tem um roteiro que te dá mais ou menos o que é o mais importante da história. Ele não é um livro para tu ler. Ele é muito assim, sabe? Vai ser o que aconteceu naquela temporada, os jogadores que jogaram. É muito descritivo, é muita informação desse tipo que é um motivo de informação que tu não se da conta, mas se tu não guarda ela se perde pra sempre. E que foi o Seu Bordin que guardou. Então aquilo, de certa forma foi usado como um roteiro para o que foi contado de história. No Museu, ele tinha paredes, nas paredes contava essa história ano a ano. Naquele momento eu não acho nem que fosse a melhor maneira de contar, porque tinha um monte de coisas que não somava e quando tu coloca tanta informação ao mesmo temp o tu acaba tirando a força do que é mais importante que a pessoa leia. De certa forma acaba poluindo demais, mas era isso que tinha lá, tinham essas paredes que contava a história até 2003, se eu não me engano, época em que foi o período onde o Museu foi feito, do final de 2003 para o meio de 2004. Então era isso que tinha. Ainda tinha mais multimídias, tinha alguns multimídias, mas mais simples até porque na época. Um era da RBS¹⁹ e o outro do Correio do Povo. Essas eram as duas empresas de comunicação mais fortes daqui, que fizeram cada um fez um quiosque com uma tela *touchscreen* e o outro tinha um vídeo amplo. Ambos eram interessantes na sua maneira de expor a história. E isso tudo foi definido por uma empresa. Claro que a participação da Dona Ema e do Bordin foram importantes, mas assim, quem organizou aquela informação e montou a exposição foi um arquiteto, não sei o nome dele agora de cabeça.

L.A. – Isso no momento após aquela reforma?

C.M. – Isso. A reforma final de 2003 para 2004, que durou até 2013, 2012, quando a gente saiu de lá. 2012 foi fechado.

¹⁹ Rede Brasil Sul de Televisão.

L.A. – E havia espaços na exposição voltados para a torcida do Grêmio? Seja para torcidas organizadas ou para torcedores?

C.M. – Existia voltada para a torcida. Em relação à torcida organizada, apesar de aparecer, na verdade era um painel que unia o que se chamava de “Torcedores Pelo Mundo” que são na verdade pessoas, os consulados do Grêmio. Porque o Grêmio começou a desenvolver esse trabalho de Consulados lá na década de 1940, 1950. Então na verdade o “Torcedores Pelo Mundo” são os torcedores que mandavam fotos, fotos que tu tinha de torcedores em qualquer lado do mundo que tu possas pensar e um mapa mundi de onde tinha consulados. E junto com isso, fotos de tudo que era tipo de torcida, que iam desde algumas fotos de jogador com astros, tipo, tem uma foto de jogadores na excursão para a Europa em 1962, eu acho que essa foi a de 1962, que aparece o Louis Armstrong²⁰ junto com eles. Eles encontraram ele no aeroporto, quer dizer era uma coisa histórica. Essas fotos mostravam a torcida do Grêmio em todos os lados, pessoas que pintavam a casa de azul, preto e branco, o carro de azul, preto e branco, o cachorro de azul, preto e branco. Tudo que tu puderes imaginar de loucura. E aí no meio aparecia as torcidas organizadas porque, de certa forma, tem um problema político em citar as torcidas organizadas. Que é a velha coisa, que é um problema para qualquer área na verdade. Se tu cita um tu tem que citar o outro, se um acha que aquele ficou maior do que o meu, já vai reclamar. Então geralmente se opta por não fazer coisas específicas em alguns casos para não gerar esse tipo de problema.

L.A. – Mas apesar disso tinha?

C.M. – Tinha. Tinha.

L.A. – E a Coligay²¹ era uma dessas?

C.M. – A Coligay ela aparecia na história, ali só na parte de 1977 ali, de 1977 até 1983 ela aparecia naquele histórico ali. Mas não estava nas fotos contempladas na mistura, porque

²⁰ Louis Daniel Armstrong.

²¹ Torcida Organizada Coligay.

também era muita coisa, não digo que tenha um destaque para nada. Se tu ver é uma coisa que é interessante, o Louis Armstrong ali, eu mesmo me lembro de pouca coisa além desses detalhes que eu falei assim. Mas a Coligay, especificamente aí que tá, não só a Coligay, todas as torcidas organizadas, o que se foi guardado delas é muito mais o que aparece no jornal, o que apareceu no jornal ou que apareceu em matérias futuras sobre o passado. A Coligay ela existiu de 1976, 1977 até 1983 e o Museu começou em 1983, quer dizer, começou a sala de troféus. O Museu foi começar mais adiante. Dona Ema começou a guardar material em 1983. Então na verdade, assim, ela fez uma espécie de uma taxaço, que ela chamava, uma clipagem desde 1983 em diante procurando guardar os momentos principais, pelo menos do clube, matérias de jornal. Então essas coisas que têm antes de 1983 elas ficaram. Principalmente assim, tem um grande furo de pouco material que existe justamente desde o final das revistas do Grêmio, que houve uma grande sequência histórica de 1956 interrompida em 1962 ou 1961. Bom, ela foi interrompida na década de 1960 para voltar no final ali por 1967, 1968, essa revista. E depois até 1974. E essas revistas do Grêmio, que na verdade existiam antes, em 1916 existiu uma outra versão que foi editada em 1921, 1922, depois em 1929, 1930 e depois teve o Jornal Mosqueteiro que aí já faz realmente parte da torcida organizada, que foi na década de 1940. Essas revistas do Grêmio de certa forma elas fazem parte de porque o Grêmio talvez seja o clube que tem mais coisas da sua história registrada de 1903 para cá. Eu não digo que seja o mais, não conheço profundamente os acervos dos outros clubes, mas tu não vê. Tu sabe que tem. O próprio Inter que é um clube um pouquinho mais novo, não tem isso, porque o Grêmio teve esse tipo de revista, de registro, de publicações próprias que ajuda muito a tu registrar coisas. E a imprensa é a outra grande maneira de resgatar memória. Porque uma coisa é verdade, assim, memória de pessoa é a coisa que tu menos se pode confiar. Eu mesmo, eu posso estar falando um monte de coisa errada aqui, mas. É porque assim, eu conheci muita gente mais antiga, tu pergunta uma coisa que tu sabe a resposta e ele diz te diz resposta errada porque vai misturando. E eu mesmo comecei já a misturar porque também eu já sei, eu já estudei tanta história que a coisa vai. É sempre bom revisar. Por isso que eu gosto de revisar as coisas porque pode falar e ser uma coisa errada.

L.A. – E como se deu a construção desse novo Museu, esse Museu da Arena? Como é que foi a decisão de compor esse espaço?

C.M. – O novo Museu da Arena ele foi, digamos, o diretor de marketing da época em que se começou a tratar oficialmente da Arena, com o projeto do novo estádio. Foi principalmente o Verardi²², já na época do Verardi com o Odone, presidente Odone e o Antonini²³. Então quem trouxe para o Grêmio a empresa que foi fazer esse novo projeto para Arena foi o Antonini e o Paulo César Verardi, que é o filho do Antônio Carlos Verardi, que é o velho Verardi que ainda está aqui no clube. O Paulo César Verardi está no Bahia²⁴ hoje, eu acho. Foram eles dois, ele e o Antonini, que trouxeram essa empresa chamada Muse, que é uma empresa que tem sede em Barcelona e Lisboa e que é especializada em exposições. Que veio para o Rio Grande do Sul porque eles queriam fazer uma coisa que estivesse à altura, mais moderna, uma coisa modernizada em relação ao Museu antigo, que tivesse à altura do estádio novo, que é um estádio cheio de novas concepções também. Então o Museu foi feito a partir do que essa empresa apresentou como possibilidade de exposição e do que era possível pagar também. Mas o conteúdo em si a gente forneceu, o conteúdo dentro do projeto. O que tem aqui hoje em dia é metade do projeto que foi feito, na verdade. Porque pelos custos se decidiu fazer primeiro uma metade depois a outra metade. Ideia de captar mais dinheiro para fazer a segunda metade. Então o que foi feito para esse Museu foi uma estrutura digamos de matérias sobre o Grêmio e daí sim seguindo focos específicos, não contando ano a ano, detalhes que de certa forma não somam muito também. É claro que tem as derrotas e tudo mais, ninguém ganha sempre, nem é questão de fugir das derrotas, é que é tanta coisa para falar que se tu não der o foco em alguma coisa, tu não vai passar mensagem nenhuma, só um turbilhão de informação. E foi mais ou menos seguindo, de certa forma, o que o Bordin fez, claro que acrescentando essa parte final da história também mais recente da história, foi isso aí. Foi focos em momentos, também os momentos ruins, como a década de 1940 ou a década de 1970, que foram negativos também estão lá, é claro. Mas eles falam também do como é que se saiu do momento ruim.

L.A. – E você participou, você ou outros funcionários aqui do Grêmio propriamente dito, participou de reuniões junto com o pessoal da Muse para compor esse novo museu?

²² Paulo César Verardi.

²³ Eduardo Kenzi Antonini.

²⁴ Esporte Clube Bahia.

C.M. – Sim. Principalmente eu e a Dona Ema participamos para fazer isso. E depois a parte de passar o material para eles foi feita a partir de nós também, de mim e da Dona Ema e as pessoas que trabalhavam já com a gente no escritório, aí já com uma equipe mais renovada.

L.A. – Você podia me falar um pouco do que está hoje exposto nessa primeira parte? Quais são as coisas que podem vir a compor esse segundo espaço?

C.M. – Sim. A primeira parte hoje em dia ela tem os troféus. Quando tu entra na porta principal do Museu, tu vai ter a seção da galeria de troféus, que são, ao contrário do que existia antes, antes existia dentro do salão de exposição, tinha mais ou menos uns seiscentos e cinquenta troféus, que eram desde os mais importantes do futebol até outras coisas de outros esportes e algumas coisas recentes que iam chegando. Mas nesse Museu aqui se optou por fazer uma coisa mais limpa, digamos assim. Aqui tem cento e vinte troféus que são os troféus mais importantes do futebol. Porquê? Também o que se refere a outros esportes, principalmente outros esportes onde houve algum destaque significativo e que tem participação, tem até columbofilia que é pombo correio, literalmente. É, esporte dentro do Grêmio, tem um troféu de columbofilia. Mas tem basquete, tem vôlei, tem atletismo onde teve bastante destaque, tem futebol de salão. Tem tudo que é tipo de esporte que tu vai imaginar. Tênis, daí tem bolão. Tem as coisas que são mais características do tipo de povo daqui. Bolão tem *muito* troféu, porque bolão era uma coisa que os europeus que colonizaram aqui todos eles praticavam, então durante muito tempo foi importante. E esses troféus, assim, isso aqui seria colocado em uma segunda fase. Então nessa primeira fase tem os troféus, tem uma área que se chama “Experiência Imersiva” que é uma espécie de cinema trezentos e sessenta graus, que ficou também num estágio que, atualmente, é muito mais assim um multimídia trezentos e sessenta graus do que qualquer coisa, porque é um estágio que ainda vai ser desenvolvido. Isso na parte de baixo do Museu. Tem dois andares o Museu. Então ficaram espaços vazios no primeiro e no segundo andar para que eles sejam completados com a segunda fase do Museu. E no segundo andar do Museu tem a parte dos uniformes, que é a história dos uniformes e os uniformes históricos que são os uniformes como essa camisa do Tarciso e outras camisas importantes que a gente tem. Depois tem a fase das torcidas. Tem a área das torcidas que daí vai falar não especificamente sobre uma torcida ou

outra. Apesar de falar especificamente da Coligay, mas não porque é a Coligay, não porque é gay, é porque é uma coisa especial, entende? O que é especial na Coligay? Claro que o lado de ter o lado gay, tem todo o aspecto social disso. Mas o que diferenciou eles realmente, além de serem pessoas corajosas que enfrentaram, é que eles faziam a diferença também como torcida. Então são coisas que se unem nesse aspecto da Coligay. E a Coligay tem daí um destaque especial e talvez seja a única que tenha esse destaque especial justamente por isso. A Geral²⁵ que faz faixas, essas faixas que vocês estão vendo aqui, apesar da Geral ficar nessa área aqui sem cadeiras, mas que espalha as faixas pelo estádio. A Geral, que nasceu como a alma castelhana, ela também é muito importante, eu diria. Se tu olhar do futuro olhar para atrás tu vai ver o papel que essa torcida teve nascendo como alma castelhana muito importante, porque ela modificou também muito significativamente a maneira de torcer. E foi influenciar as outras torcidas do Brasil também. Ao copiar certo que sim. Copiou o que era feito no Uruguai, na Argentina e nos outros países castelhanos, mas trouxe isso para o Brasil. E de certa forma, isso é uma verdade, o Grêmio é o clube que é mais identificado com esses clubes do Uruguai e da Argentina com esse espírito, isso historicamente. Então nasceu aqui porque tinha que ser aqui mesmo. Então, a Geral não está contemplada até porque entra esse aspecto político. Assim, o que tem na Geral? Tem a avalanche. Avalanche que talvez seja o símbolo dessa torcida que ficou conhecida e que infelizmente, a meu contragosto, não pode mais acontecer por muitas questões políticas, muitas questões até assim, aquela velha burrice humana, sabe como é que é. As coisas que acabam sendo proibidas tipo a história do tirar o sofá da sala. Sabe qual é a piada do tirar o sofá da sala?

L.A. – Não.

C.M. – “Ah! O cara passa... O vizinho passa e vê a mulher do outro lá com um cara no sofá da sala. Daí chega lá: “Oh meu, tua mulher, vi ela no sofá com o teu outro amigo lá, não sei o que” “Ah é?” Aí o cara invés de resolver a situação, ele vai e tira o sofá da sala”. É muitas vezes as coisas acontecem assim, acho que é mais ou menos o que aconteceu em relação à avalanche especificamente. Mas assim, o que tem na torcida? Tem a Coligay que temos que ser justos. Tu vai me perguntar “O que é, como é que tinha, o que tinha guardado da

²⁵ Torcida Geral do Grêmio.

Coligay?”. Aquilo que eu te expliquei do passado e do momento, ela não estava no momento onde começou a se guardar realmente material. Certamente até pelo o que se sabe falando com o líder da Coligay e com as pessoas que viveram aquele momento já como adultos para saber, para se lembrar de uma forma mais significativa daquilo, eles têm todo o momento da dificuldade de enfrentar um mundo machista, que é machista até hoje. E mais ainda na ditadura militar, que evidentemente prezava por esses valores de conservadores retrógrados. Então tem todo esse lado. Mas talvez para quem não seja preconceituoso, o gay seria até menor se não fosse o fato de que eles, não só enfrentaram esse momento muito difícil, quer dizer tu tem que olhar, *bah* tem que ter coragem para se meter em um público que é machista e naquela época era muito mais, não tinha quase mulher no estádio. Mulher entrar em estádio geralmente é para ser xingada. E eles enfrentaram. A história que é contada é que os caras sabiam até lutas marciais, que eles afugentavam quem tentava puxar briga. Houve uma resistência com eles, sem dúvidas no início, mas o presidente do Grêmio acolheu eles, a direção acolheu eles e eles aos poucos mostraram pelo que eles tinham de valor, a diferença que eles faziam. Porque eles trouxeram para o estádio uma torcida que não parava de cantar, não parava de vibrar, que era muito diferente do que era o comum aqui no Rio Grande do Sul, ou seja, o time está ganhando e tu está ali “Ah”. O time está perdendo é aquela vaia, aquela coisa negativa que cria o ambiente negativo no estádio. E eles não. Eles passavam o tempo todo vibrando, apoiando e acabavam contagiando o resto da torcida. Com o tempo as músicas que eles inventavam, as coisas que eles cantavam começavam ser absorvidas por grande parte da torcida e isso se converteu em um momento positivo dentro do estádio. Tanto que não pode se dizer que foi por causa deles, mas, coincidentemente ou não, a partir de 1977, que é o momento que eles realmente tomam conta do seu ambiente ali, é o momento onde o Grêmio dá a quebra, o momento de grande significação na história do Grêmio. De 1977. Daí o Grêmio vai atingir o título brasileiro, a Libertadores e o Mundial, ou seja, o Grêmio vai mudar de patamar como clube naquele espaço de 1977 até 1983. Ele deixa de ser um clube regional, porque a década de 1970 é o momento da nacionalização do futebol. Tu vê que os times que ficaram, hoje em dia, são considerados times grandes mesmo são os quatro do Rio de Janeiro, os quatro de São Paulo, os dois de Minas Gerais e os dois do Rio Grande do Sul. Porque são eles os clubes que realmente conseguiram crescer nesse momento onde o futebol virou nacional, onde o campeonato brasileiro realmente passou a ser um campeonato nacional. E o Grêmio conseguiu dar o seu salto de maioridade nesse momento.

Foi a partir deles. E também tem o evento de que, ainda em 1977, eles foram chamados pela torcida, pelo presidente Corinthians²⁸ para dar uma força pro Corinthians, que vivia uma mesma fase ruim que o Grêmio. E conseguiu quebrar justamente em 1977 também depois de muito tempo sem título, o Corinthians usando a Coligay do Grêmio, que foi lá fazer esse apoio. Então esse significado da torcida é muito. É um lado da coragem, é de certa forma também pluralidade que não se imaginava que pudesse haver, talvez, em uma época tão retrógrada. E o outro lado o fato deles trazerem uma coisa nova e fazerem influenciar, fazer aqueles que torciam o nariz para eles passarem a ficar do lado deles, o que eu acho muito significativo. Então, é que de certa forma o que aconteceu? A partir do momento que a Coligay acabou e foi sendo esquecida aos poucos pelas torcidas, porque a história vai se sucedendo e tu acaba esquecendo aquilo, de certa fica meio que um episódio. As outras torcidas, como a do Inter²⁹, sempre usavam pejorativamente para chamar o gremista de gay, pejorativamente. E outras tentativas que houveram de haver, acho que houve, tentaram fazer no Flamengo³⁰, acho que no Corinthians, incrivelmente tentaram fazer no Inter. Só que no Inter a direção do Inter bloqueou. O mesmo grupo de pessoas que faziam parte dessa boate Coliseu, que frequentavam essa boate Coliseu, eles tinham, também tinham colorados na boate Coliseu. Os caras começaram a querer organizar lá e ir lá no Inter e eles podaram. O que é mais uma comprovação de que, assim, se eu fosse te contar a história verdadeira do futebol gaúcho, eu podia ficar aqui mais até a noite aqui contigo, mas é mais uma comprovação de que Inter não é o clube plural que eles usam no discurso.

L.A. – E você participou do momento de discussão de “Bom, vamos expor esses elementos com relação à torcida. E a Coligay vai ter um destaque”. Você participou desse momento?

C.M. – Sim.

L.A. – E você podia me falar como é que se deu essa decisão de expor a Coligay? Como é que isso foi recebido pelas pessoas.

²⁸ Sport Club Corinthians Paulista.

²⁹ Sport Club Internacional.

³⁰ Clube de Regatas do Flamengo.

C.M. – Não teve a menor resistência. Foi totalmente acolhido assim. Primeiro porque a grande questão que se estava dando é que esse episódio estava sendo esquecido, é isso que eu ia te dizer. Como a memória foi esquecendo isso, isso virou apenas um episódio que era usado pejorativamente pelos outros. Tipo, foi morrendo na cultura assim. E o livro do Léo Gerchmann³¹, que eu acho que é de dois anos atrás, de 2014 né?

L.A. – Sim. 2014.

C.M. – O livro de Léo vai resgatar essa história. Antes disso também houve uma matéria do Eduardo Bueno³², que foi o primeiro a escrever sobre isso em revista do Grêmio. Escreveu isso já, acho que foi até na revista de 2003, que ele escreveu. Tem uma matéria sobre a Coligay, grande. Contando justamente isso, como a Coligay revolucionou a maneira de torcer e como eles enfrentaram a resistência inicial e foram acolhidos depois definitivamente. Só que essa história é uma história que acabou ficando para trás. Ela foi resgatada ali com o Eduardo Bueno nessas revistas que saíram na época do centenário do Grêmio, mas ela foi realmenteser, digamos, publicada de uma maneira que ganhou a mídia por causa do livro do Léo Gerchmann, porque também porque o Léo Gerchmann fez bastante trabalho de publicizar o livro. É, o livro é diferente de uma revista porque uma revista é uma matéria no meio de várias outras. O livro é aquilo ali, é a história daquilo ali. Então aquele momento ali é um momento aonde vinha à tona. Ali o projeto já existia, na verdade, quando o livro foi feito. E o projeto das torcidas ele falava de outras coisas que falavam justamente dessa questão de como a torcida do Grêmio era plural ao contrário do que a imprensa repete. E ela repete não de graça isso, tem várias questões que fazem repetir e não vêm ao caso. Se quiser eu te falo depois, mas, para continuar a linha de pensamento, a gente estava falando por exemplo, um torcedor negro que se chamava Bombardão³³, isso na década de 1920. Ele era um torcedor símbolo do Grêmio que foi da década de 1920 até morrer no começo da década de 1950. Ele era na verdade um morador de rua que tinha um outro amigo que também era morador de rua, mas era um pouquinho menos, digamos, eremita que o Bombardão. O Bombardão era aqueles caras bem estranho mesmo. E o Bombardão era gremista, então ele

³¹ Leonardo Gerchmann.

³² Eduardo Bueno “Peninha”.

³³ Nome a confirmar.

ficou conhecido como Bombardão porque ele ia para o Estádio da Baixada³⁴ lá, que é o momento mais crítico da história moderna, dessa história do racismo, que é a época onde as teorias raciais se manifestam no nazismo, principalmente, mais que em outras épocas, talvez. Claro que houve a escravidão e tudo antes, mas depois que chegou ao século XX, aquele momento do final da década de 1920, 1930 e 1940, ali é o auge desse momento onde se pensava realmente que negro era pior que branco. Então o Bombardão estava ali naquele meio, ele vivia aquilo e ele tinha uma voz *grave* assim, então ele falava: “Grêmioooooooooo” [voz grave] e parecia um instrumento como uma tuba assim, que o Bombardão é uma tuba pouquinho menor. Então por isso que ele virou o Bombardão. Tem essa história do Bombardão, tem a história dos dezoito vagões, que é a primeira vez que um clube faz uma excursão com a torcida, aqui no Rio Grande do Sul pelo menos. Aí é onde surge a figura do Salim Nigri que é outro elemento. Salim Nigri, que era judeu, ele entra no clube em 1944, segunda guerra rolando. O Grêmio que era acusado de racista e o Salim Nigri, judeu, ele vai se tornar o líder da primeira torcida organizada do Grêmio. Essa primeira torcida organizada no episódio dos dezoito vagões mostra pela primeira vez a sua força. Eles têm a ideia, um jogador novo vai estrear e a gente vai, vão jogar em Novo Hamburgo, mas aí para custear o custo de pegar o trem para ir para Novo Hamburgo, a delegação, eles tiveram a ideia “vamos, de repente oferecer para a torcida, a gente custear o nosso custo junto com a torcida”. E daí eles “a, vamos botar um vagão a mais ali para a torcida”. E quando eles viram encheram todos os vagões que tinham, que eram dezoito. E foram para Novo Hamburgo com a torcida. Isso mostrou a popularidade do Grêmio e daí foi criada a torcida do Grêmio, foi criado a faixa “com o Grêmio onde estiver o Grêmio”, o mosqueteiro. Tudo. Esse elemento de popularização se surge nesse momento. Esse é um dos temas da torcida. Outro tema vai ser o Lupicínio³⁵ e a história do hino...

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]³⁶

C.M. – Onde é que paramos?

³⁴ Estádio da Baixada – hoje Parque Moinhos de Vento.

³⁵ Lupicínio Rodrigues.

³⁶ Entrevistado atende o celular.

L.A. – Retomando. Eu lembro que você estava referindo ao Lupicínio, talvez referindo ao Museu.

C.M. – Eu estava contando só o que complementava ali era a história do Lupicínio. Como é que ele acabou fazendo o hino e porque ele era gremista, que é uma outra parte da história que também tem a ver com a popularidade do Grêmio, da torcida. Que virou, imediatamente foi adotada. E na verdade ele não fez o hino, ele fez uma marcha, ela é literalmente chamada de “Marcha do Cinquentenário”. Era é uma música para comemorar o cinquentenário, 50 anos do Grêmio em 1953. Mas ele já era conhecido, então quando ele compôs a música todo mundo deu atenção para a música, todo mundo gostou e a música imediatamente foi adotada. Então ela virou um hino espontaneamente assim. Não tem nem ata de criação de “a, a partir de agora esse é o hino”. Não, ela simplesmente virou o hino, entende? Absolutamente espontaneamente.

L.A. – Vou aproveitar uma deixa de uma coisa que eu ouvi você falando na nossa visita no Museu para te perguntar. Você, no momento que a gente estava subindo a escada, comentou de que vocês tiveram um direcionamento da empresa com relação ao que podia ser dito e como dizer certas coisas com relação ao Grêmio. Você podia me falar sobre isso?

C.M. – É que justamente primeiro tem a questão do equilíbrio, o político, a parte política e a parte de equilíbrio em geral. O que é? Que é assim, tu não dá valor de mais para uma coisa e não dar valor de mais, de menos para outra. Quando tu está, por exemplo, falando de pessoas, tu não pessoalizar muita coisa, porque a história é do clube, não é de ficar pessoalizando. É claro que vai contar, por exemplo, falar do Lupicínio que é um personagem que não é só do Grêmio é um personagem da música popular brasileira, mas faz parte do Grêmio. Tu não contar...

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]³⁷

³⁷ Entrevistado é solicitado no Museu.

C.M. – Voltando ao tema. Pois é, então assim na verdade não é que não possa dizer muitas coisas. A história ela nem entra muito em aspectos assim que seriam negativos da história de qualquer coisa que existe. Porque na verdade a narrativa que existia de história ela estava voltada essencialmente para história do futebol e não analiticamente. Ela está voltada a história do futebol. Em mil novecentos e tanto aconteceu tal coisa, mil novecentos e tanto e um pouquinho mais aconteceu outra coisa, entende? Então não tinha uma análise de porque as coisas se sucedem, porque deixam de acontecer, nem análises negativas. Então não é exatamente esse o ponto de breca assim. A escolha do conteúdo ela se deu justamente assim em focar em pontos de evolução do clube. Aí já um pouco mais analiticamente porque, claro, uma parte que não é exatamente analítica que é focar nos momentos onde os títulos importantes são conseguidos, que é meio óbvio, porque é uma coisa que tu tem que contar de qualquer jeito. E de certa forma tem uma outra parte que conta como é que o clube se sustenta, como é que ele conseguiu crescer, como é que ele atravessou um tempo onde o futebol não era nem o esporte popular ainda. Como é que ele saiu de 1903, onde ninguém conhecia o futebol, até chegar a ser campeão do mundo. De certa forma é isso. Então assim, o que não se pode contar, uma parte negativa que sempre existe em qualquer lugar, qualquer instituição, não tá nem registrada. Eu acho que se sabe alguma coisa e muita coisa nem se sabe porque ninguém fala. Isso é uma coisa comum em qualquer instituição. Os que falam estão entre eles. Eles sabem e pouca gente mais sabe. Então tu até liga fatos para concluir como é que uma coisa acontece negativamente, mentalmente. A escolha do que não pode ser falado é muito mais isso, não é que não possa ser falado aqui. Por que tu vai falar sobre anos de, por exemplo, um momento negativo do Grêmio de 1969 até 1976, quando o Inter foi Campeão Gaúcho seguido e ainda foi Campeão Brasileiro? A história do Grêmio nesse período ela é muito vazia, literalmente. O que o Grêmio estava fazendo nesse período é se perdendo nele mesmo. Então até ele se reencontrar em 1977 foi uma história ruim, então tu não tem muito o que dizer, simplesmente assim. Tu vai dizer “ó, teve aquele momento, depois passou por um longo momento ruim, que existiu de fato e até tu conseguir se reerguer, baseado em tais conceitos, em tais coisas que foram importantes para se reerguer”. Faz parte o ruim e o bom na história.

L.A. – Sim.

C.M. – Então assim, só que tu tem que ter aqueles cuidados. Cuidado de não exagerar em personalidades, não falar de uma coisa e não falar da outra. Tu não pode simplesmente citar. Tu pode pessoalmente considerar que de repente o Brasileiro, o Campeonato Brasileiro, é mais importante que a Copa do Brasil ou vice e versa. Mas na verdade tu tem que citar todos da mesma forma. Tu não pode fazer julgamento de qualidade, não pode julgar. Tem que evitar julgar. Julgar deixa para os outros. Tem que fazer é contar história.

L.A. – E voltando um pouquinho para o meu objeto, a Coligay, quando foi a primeira vez que você tomou conhecimento da existência da torcida? Consegue se recordar mais ou menos?

C.M. – É muito difícil porque eu era criança, um momento preciso assim. Mas eu me lembro de como que quando ainda pré-adolescente, adolescente, ouvia a gozação da Coligay. Aquela coisa assim, mas não dava muita bola, sabe? Gozar de alguma coisa que não tem a menor razão para ser gozado. É só isso que eu me lembro assim. Só que realmente naquele momento eu não sabia nem da importância que ela tinha tido, nem nada. Era só um adolescente, não tinha noção histórica de nada na verdade.

L.A. – Você chegou a ouvir outras histórias da torcida ou era basicamente isso, ouvir como uma forma de ofensa por parte dos torcedores rivais?

C.M.- Eu ouvia eu acho que principalmente como ofensa. Nunca ouvi como esse efeito que na verdade a gente vem aprender depois com essa recuperação da história.

L.A. – E qual você diria que é a importância da Coligay para a história do Grêmio?

C.M. – Eu acho que como o próprio livro do Léo diz, de certa forma ela mostra uma contradição no discurso que se ouve sobre o Grêmio. É uma primeira importância. Tem a importância factual, que é o que eles significaram efetivamente como um grupo de pessoas que ensinou àqueles velhos que iam para lá para o estádio mais para criticar o time do que para apoiar. E aquele grupo ensinou eles a pensar e a agir diferente e aceitar pessoas que eram diferentes deles por serem homossexuais. E a questão da homossexualidade é

certamente a contradição em relação ao discurso de que o Grêmio era um clube racista que, até hoje se ouve, clube racista, mas é uma característica que está em todo mundo, mas está no Rio Grande do Sul de uma forma talvez maior do que no resto do Brasil, essa presença de pessoas racistas ainda. Porque é uma cultura que vem da imigração, inevitavelmente, e o Rio Grande do Sul é o estado onde mais tem italianos e alemães concentrados. Claro, tem muito alemão em Santa Catarina, tem muito italiano em São Paulo, mas aqui a gente tem os dois. E se tu pensa na história do mundo, tu vai ver que essa influencia acontece justamente no momento onde as teorias raciais entram em voga. Após a abolição da escravatura o negro não estava nem considerado na sociedade ainda, tipo não foi feito um processo de inclusão como todo mundo sabe. O negro vai ser considerado um pária social novamente, vai voltar à voga isso junto com o judeu ser um pária social na época ali dos anos 1930. Isso vem à tona. Então esse pensamento entrou em um monte de cabeça que ainda não morreu e passou para os filhos dessa gente que ainda não morreu, então tem gerações para que a gente possa evoluir de verdade. E o Rio Grande do Sul realmente sofre essa influência, mas não é porque o cara é gremista ou que é colorado. O próprio Léo Gerchmann relata casos de racismo contra judeu que é o caso dele, ele é judeu, dentro do Inter. Ele relata esse, tem outros vários casos que são relatados sobre isso dentro dele. Ou seja, é uma coisa geral na verdade que tem que se evoluir. Eu não sei se eu fugi muito do tema da pergunta. Eu nem lembro exatamente qual é a pergunta [riso].

L.A. – Não. Falou da importância da Coligay para o Grêmio.

C.M. – Sim, eu acho que naquele momento, a importância, fora a factual de ensinar a outra torcida, certamente foi mostrar que o Grêmio não é um clube fechado, que o Grêmio não é um clube reacionário como se pregava. E hoje em dia certamente esse resgate da informação com o mundo um pouquinho mais esclarecido, pelo menos uma vírgula mais esclarecido, apesar dos retrocessos que acontecem quando tu menos espera, a gente tem a chance de dizer de novo: “olha, aquilo lá aconteceu aqui, assim como aqui teve mulher antes conselheira do que teve lá, assim como aqui teve negro antes conselheiro do que teve lá.”. Aqui tem muito mais coisas que aconteceram positivamente e inclusive jogadores. O primeiro jogador negro do Grêmio, em 1909, antes do Inter ser fundado em 1909. Ele joga o primeiro GreNal, que é o primeiro jogo da história do Inter e faz gol no Inter. O primeiro jogador do Grêmio negro.

Ou seja, a história é muito mal contada. Então esses elementos fazem parte de uma história que tem que ser contada e como toda história que tem que ser contada, tem que ser aos poucos para que as pessoas possam entender e não reagir simplesmente como “a, tu está querendo mudar a história”. Entende?

L.A. – E vez ou outra, como é de se esperar, você remete ao Internacional.

C.M. – É. Isso é intrínseco aqui. É meio inevitável. Inclusive no livro do Léo, nas coisas que eu já escrevi e não publiquei, eu já escrevi essa história do Grêmio que a gente descobriu nos últimos tempos aí, só que não publiquei. Eu estava trabalhando junto com o Peninha no livro aquele que era para ser o livro centenário, mas por questões econômicas ainda não rolou.

L.A. – Uhum.

C.M. – Mas é justamente, é muito difícil tu contar toda a verdade sem falar do Internacional. Porque não é que o Grêmio seja também um clube de anjinhos voando. Como acredito que nenhum desses grandes clubes seja também, tampouco clube de anjinhos. Porque o racismo sempre existiu e mesmo quando os clubes admitiam negros, por exemplo, admitiam naquele esquema casa grande/senzala. Nós aqui, nós os brancos aqui e os negros lá no canto deles, que é o caso do Inter. Então assim pra tu contar claramente a história tu tem que falar do Inter. Só que quando tu está falando do teu próprio clube, isso sim é uma coisa que tu não pode contar. Tu não vai ficar falando do Inter, falando do Inter literalmente, falando mal do Inter quando tu está falando do nosso Museu, tem que contar o nosso lado simplesmente. E deixar que a história mostre a verdade. Vai vim à tona em pouco tempo isso tudo. As provas já foram achadas.

L.A. – De quais provas você está se referindo?

C.M. – Tem provas, por exemplo, a história do Lupicínio ser gremista porque perguntavam os amigos negros dele “por que tu é negro e é gremista?”. Então ele contava que o pai dele

tinha fundado o Rio Grandense³⁸ que era um clube de mulatos, como eles se consideravam mulatos, dizer mulatinho como eles se autodenominavam, sem entrar no mérito disso. E dizia que esse clube, tinha tentado entrar na Liga de Porto Alegre, que era a Federação é a Liga que organizava o campeonato de Porto Alegre, e tinha sido barrada pelo Internacional. A prova que se descobriu foi que justamente no segundo ano da Liga foi instituída uma série de regras e custos que o clube tinha que arcar para se candidatar a fazer parte da Liga, que eram muito plausíveis e inexequíveis para novos clubes e eram só para novos e para os que fizeram os primeiros grupos não. Mas os novos tinham que fazer uma mágica ali para fazer parte e adivinha quem era o presidente da Liga? Era o fundador do Internacional. Ele. Isso não exige que o Grêmio não fizesse parte da Liga. O Grêmio fazia parte da Liga. Mas é que isso destrói o discurso dessa popularidade que nunca houve no Internacional. Popularidade que eles chamam de popularidade que é de buscar jogadores de origem pobre ou de serem jogadores negros e mulatos, como se chamava. Isso começou depois do Grêmio. Tem fotos disso. O Inter foi Campeão Gaúcho, por exemplo, a primeira vez em 1927, todo mundo branco. O Grêmio foi campeão três vezes antes com negro no time. O Lara que é o maior jogador, jogador que é mais valorizado na história do Grêmio, faz parte do hino, é o craque imortal, o Lara é na verdade um bugre. Ele é descendente de índio tem a pele escura, pobre, origem pobre e isso aconteceu na década de 1920, 1930, que é a década do surgimento, do afloramento dessas teorias raciais de uma forma mais forte no mundo. Então essa prova do Inter já é uma coisa. Outras coisas que falam do estatuto do Grêmio, que havia coisas racistas no estatuto do Grêmio nunca houve, nunca houve nada, muito pelo contrário. A única coisa que se dizia assim “não pode ter religião, não pode fazer jogo de ganhar dinheiro aqui dentro, não pode usar o clube para fazer política, não pode usar o clube para fazer religião e não pode usar o clube para jogar dinheiro dentro”. Nunca teve jamais, nada em relativo à raça e nem contra alguma religião. Só não podia ser praticado e querer fazer nada dentro do clube. E no Inter tinha um item que era que não aceitavam candidatos analfabetos no clube. Está escrito no estatuto do Inter, o primeiro estatuto, no primeiro que eles têm. Não tem o primeiro, segundo eles. Então isso aí já desmascara muita coisa da história. Depois tu vai ver pelas fotos, pela história dos fatos de como é que aconteceu e como é que a coisa se virou

³⁸ Foot Ball Club Rio Grandense.

dessa forma. Está um pouco, um pouco disso está contado nos livros do Gerchmann sobre o negro e sobre a Coligay.

L.A. – Minha próxima pergunta, quase caminhando já para o final, em alguma medida você já respondeu, mas vou te dar a oportunidade de quem sabe complementar. Para você, qual a importância de um Museu como esse para o clube, para a entidade Grêmio?

C.M. – Bom, é fundamental. O Grêmio é um clube que é muito baseado na sua identidade. O Grêmio e o Inter são dois clubes do Rio Grande do Sul, são, digamos, eles dividem o Rio Grande do Sul. Então assim, muito vezes a gente é igual, muitas vezes a gente é diferente em pequenos detalhes, pequenas sutilezas. A sutileza do Grêmio que talvez não seja tão sutileza, é que o Grêmio foi forjado dando essa ideia de lutar para ganhar, de suar para ganhar. E o Inter enquanto isso era forjado na mentalidade do futebol brasileiro que era o futebol do esperto, do malandro, da técnica, da qualidade e da esperteza. Tanto que quando é criado o símbolo do Mosqueteiro para o Grêmio, o mesmo desenhista faz para o Inter um malandro, com feição brasileira. O Grêmio era um gordinho como mosqueteiro. Porque o Grêmio tinha por uma consequência da onde o Grêmio foi criado em uma chácara, mas essa chácara se tornou o bairro Moinhos de Ventos, que se tornou o bairro da elite de Porto Alegre. Então o Grêmio realmente acabou elitizado por causa disso. Entretanto os valores do Grêmio estavam muito mais próximos desse valor da batalha do que os valores do Inter. Então essa identidade só vai manter ela se tu tiveres uma história registrada. O Museu faz parte disso, não é só para guarda troféu. Guardar troféu é como tu diz: “pode botar um para limpar ali de vez em quando”. Mas contar essa história, resgatar essa história, resgatar as mentiras que foram contadas, é porque assim como a gente vê na política agora, a gente vê mentira. A mentira está na história do Grêmio, está na história de qualquer coisa e isso é algo que a gente está buscando fazer aqui também, resgatar as verdades. O Grêmio não é um clube de santo como eu te disse. Evidentemente que tinha racistas, evidentemente que tinha preconceito quando a Coligay surgiu e certamente tem gente que não vai gostar de ver a Coligay ali como não gostaria em vários outros clubes, por exemplo, o São Paulo³⁹ que é

³⁹ São Paulo Futebol Clube.

chamado de *bambi*. Sempre vai ter quem é contra, mas o mundo vai evoluir um dia. É o que a gente espera. Aí eles vão compreender que eles que estavam errados.

L.A. – Puxando um pouco esse gancho da identidade, você conseguiria caracterizar um pouco a torcida do Grêmio?

C.M. – *Bah*, é muito a ver com o espírito do Gaúcho na verdade. Tem até uma coisa que não foi trabalhada academicamente eu diria, mas mereceria, é que o Inter copiou os símbolos do Grêmio, isso explicitamente a partir de 2005, mais ou menos. Tu vai olhar, eu não sei de cabeça exatamente agora, mas as frases, a imagem que aparecia eles botavam o Guiñazú, que era um argentino que parecia um pirata assaltante, um guerreiro huno, sei lá. Eles começaram usar a imagem de guerreiro que era imagem do Grêmio para o Inter. Na verdade a gente é muito parecido, Grêmio e Inter. Em vários aspectos, mas exatamente tem pequenas diferenças também. E eles absorveram a imagem do Grêmio e eu acho que o que motiva pessoas a serem gremistas é muito mais essa ideia da pessoa que luta para vencer, não tem as coisas fáceis.

L.A. – E na manifestação da torcida você seria capaz de perceber alguma diferença no estádio ou perfil de se fazer presente? Ou não?

C.M. – Eu acho que o gaúcho por si só ele é muito crítico. Eu morei no Rio, morei em Florianópolis, conheço bastante gente de fora do Rio Grande Sul. Até pelo tipo da imprensa. Eles mesmos admitem que a imprensa daqui é muito mais crítica do que com os próprios clubes do que as do Rio e São Paulo, por exemplo. Sempre se cobra muito aqui de si mesmo e ao mesmo tempo a gente se acha o centro do mundo pelo menos até um tempo atrás se achava. Porque o Rio Grande do Sul foi mais importante na história. Hoje em dia o Rio Grande do Sul está depois do décimo lugar como importância no Brasil, mas teve um momento na história que o Rio Grande do Sul era o terceiro. E teve o Vargas⁴⁰, ou seja, teve uma longa tradição que foi se esvaziando, se perdendo e talvez o Rio Grande do Sul, hoje em dia, seja só o Grêmio e Inter, o que restou assim para segurar a bandeira “sou gaúcho”.

⁴⁰ Getúlio Dornelles Vargas.

Então assim, eu vejo essa torcida uma diferença entre a manifestação da do Grêmio e da do Inter. Olha eu não posso dizer que existe uma diferença na manifestação, eu poderia chutar, porque isso é só uma análise minha não tenho cientificidade nisso, mas eu diria que a diferença está no que torna um cara gremista ou no que torna um cara colorado. E que está, o que torna o cara colorado, na minha visão, muitas vezes, é pensar que aquilo tudo que se fala do Grêmio é verdade e pensar que aquilo de bom que se fala do Inter é verdade. E não é.

L.A. – E como é que você acha que isso foi sendo costurado, a imagem do Grêmio e vice-versa a imagem do Inter?

C.M. – Ela foi sendo costurado, primeiro assim, a partir do momento em que antigamente as coisas tinham valores invertidos ao que tem hoje em dia. Por exemplo, capitalista se tu dizes “tu és um capitalista” hoje em dia tu tens a impressão de que tu és um capitalista tu és um FDP⁴¹, que quer ferrar os outros. Na época em que os clubes foram fundados isso era o capitalista “a, então tu é um cara bom. importante”, era assim que se via socialmente. E o Inter foi fundado na casa de um capitalista, que era um dos maiores capitalistas da cidade Depois quando o Grêmio, o bairro, o lugar onde o Grêmio se instalou virou um bairro de gente rica, o Grêmio gostou também daquela brincadeira “ó, nós somos ricos”, mesmo que o Inter estivesse ligado, na verdade essa é uma das outras diferenças. O Grêmio foi fundado por uma elite, uma meia elite assim, porque não era nem a elite, a elite dos alemães fundou o FussBall⁴² que é o outro clube. O Grêmio foi fundado pela segunda categoria dos alemães e por comerciários brasileiros e alguns espanhol, italiano misturado também. Só que o Grêmio, evidentemente como toda associação, o objetivo daquelas associações era tu crescer no *status* social e o Grêmio aceitou essa ideia de crescer e foi logo absorvido por mais gente e gente que veio de cima e abraçou o Grêmio. O Grêmio realmente virou um clube cheio de pessoas de elite, que eram muito mais alemães. O Inter era um clube vinculado aos estancieiros do Rio Grande do Sul e ao poder político do Rio Grande do Sul, ou seja, na verdade a elite era o Inter, porque quem era que tinha o dinheiro no Rio Grande do Sul

⁴¹ Sigla de um ingamento.

⁴² FussBall Club Porto Alegre.

naquela época era o Inter. Tanto que o Inter tem uma ligação histórica com o Pelotas⁴³, que é o time da elite em Pelotas. E o Grêmio tem com o Brasil de Pelotas⁴⁴ que é o time do povo em Pelotas. Porque a elite antiga do estado que estava em Pelotas, Rio Grande, Bagé, interior, fronteira do Uruguai, essa elite era quem mandava os filhos para Porto Alegre e esses filhos jogavam no Inter, ele foi chamado “O Clube da Academia”, os acadêmicos do Internacional, porque eram os filhos de estancieiros que vinham estudar em Porto Alegre e jogavam no Inter. E o Grêmio, mais com o passar do tempo, o Grêmio com o espírito alemão que também é um espírito que tem o que pode ser criticado, espírito alemão, essas pessoas assumiram também a sua posição em uma nova elite. O bairro Moinhos de Ventos, ele foi formado pela elite alemã que tomou conta do Grêmio também, tanto que depois o FussBall desaparece em 1941, já vinham vindo moribundo a mais tempo. E essa elite alemã vai gostar de ser chamada de elite, mesmo tendo negro jogando no meio, eles podem até ter desconfiança, mas aceitaram. Aparece desde 1921, 1924, 1925, 1926, em time do Grêmio tem quatro, tem quatro negros na mesma foto no time de 1926 Campeão da cidade onde estamos. E o que aconteceu, tu vai passar pela Guerra⁴⁵ que é o auge dessas influencia das teorias raciais e apesar da presença nazista aqui não ter se manifestado, porque houve a invasão da cultura nazista por emissários. Mas ela não pegou, em Porto Alegre ela não pegou forte, ela não teve assim uma popularidade. Teve uns trinta caras aqui que fizeram parte disso, mas não dentro do Grêmio, nem dentro de outro clube. A questão é que a ideia de qualquer forma de que vinha das teorias de higiene, de higiene racial e tudo mais, ainda estavam presente e isso influenciou em uma camada de gremistas e que trancaram a passagem do Grêmio, eles fizeram acabar com o Grêmio em 1942, quando começou a profissionalização do futebol começou em 1937 aqui. Atrasado em relação à Rio e São Paulo. Em 1940, 1941 Vargas decreta dois decretos que são as leis da profissionalização do futebol e a partir dali o Grêmio vai passar por uma crise interna porque tinha gente que não queria que o Grêmio se popularizasse, crescesse. Eles queriam se manter como aquele clube ali do bairro que era ali o clube dos amigos alemães e alguns outros amigos que eles deixavam entrar, mas é que enquanto isso acontecia o Grêmio tinha se tornado um clube que tinha uma torcida popular que estava se lixando se eles eram alemães ou eram o que. Eles torciam para o Grêmio e

⁴³ Esporte Clube Pelotas.

⁴⁴ Grêmio Esportivo Brasil de Pelotas.

⁴⁵ Segunda Guerra Mundial.

outros torciam para o Inter. Nesse momento o Inter começa a usar, ele entra com outro marketing, o Inter que foi um clube sempre pior organizado que Grêmio e dependia do poder público, dependeu do poder público para ter lugar para treinar sempre. Ele chega no final da década de vinte quase fechando porque o cara que tinha o campo onde eles treinavam queria que eles comprassem ou alugassem o negócio eles não queriam, e então ele vai encontrar nessa popularização o pulo do gato para crescer. Até 1940 o Grêmio era amplamente superior ao Inter, foram três décadas de superioridade ampla, até que chega em 1940 onde começa a profissionalização...

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]⁴⁶

C.M. – Onde começa essa profissionalização onde o Grêmio tem uma metade dele lá que resiste a profissionalização, o Inter dá o passo adiante e começa a chamar os negros para o jogo e adota o nome de “Clube do Povo”. Se tu olhar historicamente nessa época aí, ser chamado de elite ainda continuava sendo vantagem para quem se achava elite. Então teve essa parcela de gente que ficou dentro do Grêmio resistindo. E o Grêmio foi passar por uma das décadas piores, a década do chamado Rolo Compressor do Internacional que é um time que tinha vários negros e esses negros colhidos com pouco pagamento, muito mais barato do que pagar um branco e muitos do interior. Então o Grêmio vai enfrentar essa época e vai acabar encontrando nesse momento de tragédias de quase final interno e sim momento onde o Grêmio podia ter desaparecido, ele acaba encontrando essa identidade de novo a partir do treinador de origem alemã [riso], que traz para o Rio Grande do Sul a técnica e a tática e o preparo físico que era utilizado no time da Hungria que ele via lá no leste europeu. E ele trouxe para cá porque é o Otto Bumbel⁴⁷. E aí o Grêmio conseguiu quebrar a série do Inter, conseguiu ganhar de novo e aquilo foi um reencontro, foi um momento reencontro do Grêmio onde foi criada a torcida de novo, onde foi criado o Mosqueteiro que o cara desenhou como uma charge, vira o símbolo do Grêmio. E o Grêmio se reencontra com o “Com o Grêmio onde o Grêmio estiver” e todo esse discurso de unidos venceremos, na verdade é simplificando nisso. É o clube onde a ideia de união está presente inclusive no nome Grêmio, o clube é chamado de Grêmio não de Porto-Alegrense que devia ser. Porque é essa ideia de

⁴⁶ Entrevistado cumprimenta algumas pessoas.

⁴⁷ Pedro Otto Bumbel Berbigier.

união, para vencer união, para vencer o que parece insuperável que é essa ideologia, é a identidade do clube que é o que eu acho que atrai a torcida. Me parece, pelo tempo que estou aqui analisando isso tudo que é esse ponto que atrai a torcida. Muita torcida do Internacional também pode usar isso como argumento, mas para mim é muito claro que muita gente que torce pelo Internacional é porque foi contaminada pela história mal contada. Então eu não estou te dizendo que não houve racismo no Grêmio nem que não houve qualquer outro tipo de preconceito no Grêmio, houve só que meio abostadamente, eu diria até assim. Meio sem dar importância para uma coisa que era muito séria, o Grêmio deixou isso passar batido e a história contou e hoje em dia, os caras que estão aqui com setenta anos eles estavam já estavam vivos ali na década de 1940, eles continuam reproduzindo. Então são gerações e gerações que passaram ouvindo a história errada, então para tu desmontar quantas gerações passaram da década de 1930, 1940, até hoje aqui sobre a verdade histórica, só que a verdade está comprovada nos fatos. O Grêmio tinha negro muito antes do Tesourinha⁴⁸. Tinha um negro de 1909, tinha negros na década de 1910, de 1920, de 1930, de 1940. Só que o Tesourinha foi usado para dizer chega, o Tesourinha que era o maior craque do Inter, tinha sido o maior craque do Inter e era um negro que jogava na Seleção Brasileira. Foi na verdade um símbolo de *marketing* para mostrar pro mundo Grêmio aceita negros. Apesar de tu olhar as fotos e já ter negro ali, mas como é que tu te pergunta “mas por quê?”, porque na verdade é isso. Existia um racismo sim, mas nunca foi uma coisa oficial no sentido de dizer assim ter um estatuto dizendo “não podem jogar pessoas de cor.” Nunca teve isso. Nunca teve nem próximo. Estatuto é muito simples e tem todos aqui. E é muito mais regras de quadro social, categoria de sócio, quem tem direito patrimonial, não tem nada de não fica entrando no mérito disso assim. Na verdade o Grêmio é um clube simples, é simplório até nos seus registros. Então esse racismo que houve foi um racismo porque existia uma determinada quantidade de pessoas ali que tinham a origem alemã e que bloquearam os outros que não tinham, tanto que o Grêmio vai ser libertado do racismo pelo presidente Vanzelotti⁴⁹, que é influência italiana. E o Grêmio sempre vai ter portugueses desde o início, portugueses, italianos, espanhóis, judeus tudo misturado. É isso. É que assim, em Porto Alegre tem uma outra história que é muito pouco conhecida. Algumas pessoas já escreveram sobre isso em teses de faculdades, em teses de mestrado e de outros esportes, falando sobre

⁴⁸ Osmar Fortes Barcellos.

⁴⁹ Saturnino Vanzelotti.

como a influencia alemã, em Porto Alegre, foi muito significativa no final do século XIX e que se estendeu por um bom tempo ainda nessas gerações que demoram a se apagar. Mesmo quando parou a imigração alemã, a influencia alemã estava na arquitetura, estava em todos os clubes de esportivo e que só foi ter um clube que não era alemão em 1903 depois de ter vários clubes de remo, ciclismo, clubes social. O único clube que foi surgir é um almirante, não sei, acho é o Tamandaré ou é o Barroso? O Barroso. Almirante Barroso que é um clube de remo que surgiu em 1903, mesmo ano do Grêmio. Então quando os alemães eles tiveram, digamos assim, no final do século XIX esse poder de tomar conta culturalmente de Porto Alegre. Quando chega no final do século, na virada do século, que passa a Revolução Federalista que foi um momento de crise grave no Rio Grande do Sul, em 1893, que tem uma guerra muito sangrenta. A partir dali, depois dessa guerra, vai ter um momento de reconstrução muito forte no Rio Grande do Sul e de atualização. Porto Alegre vai se atualizar, vai ter rapidamente ruas saneadas, vai ter saneamento básico, começar a ter eletricidade. Todo a modernidade vai chegar em Porto Alegre rápido, mais rápido do que em outras cidades do Brasil. E isso tudo está muito na mão dos alemães. Eles vão ocupar o espaço que antes eram dos portugueses, isso vai gerar uma reação cultural, porque os alemães eles mantinham a sua cultura. Eles não eram católicos a maioria, a maioria era protestante, então eles não iam à missa que os católicos iam e os católicos ficavam de cara, “po, vocês vieram morar aqui e não vão nem na missa”. Que é uma coisa muito importante. Para nós hoje em dia, íamos estar rindo da cara deles. Para eles era muito importante. Como é que aquela senhora não vai estar presente na missa? Os alemães acabavam não fazendo muito parte da vida dos portugueses. E os alemães acabavam não fazendo muito parte da vida dos portugueses, acabavam assumindo a outra questão que é dessa época que é o nacionalismo, o sentimento de formação nacional estava em voga em todo mundo. A Alemanha tinha sido formada em 1871, 1870, 1871, a Itália também em 1872. E todos os países estavam se formando ainda, estavam ainda discutindo territórios e tudo mais. Todo esse sentimento nacionalista está muito em voga naquela época da virada do século e os portugueses não identificavam esse sentimento dos alemães, eles achavam que os alemães estavam com um pé na Alemanha ainda, porque eles mantinham seus costumes. Então existe essa reação contra os alemães cultural que vai se refletir na criação de justamente do Internacional, porque o nome Internacional é exatamente a afirmação de um clube que não quer ser um clube de alemão, como o FussBall era. FussBall era FussBall, que é futebol em alemão,

FussBall Club Porto Alegre, Club igual, mas é FussBall Club Porto Alegre. Assim como o Coritiba⁵⁰ tem, os alemães geralmente usavam os nomes de cidade para ou o nome de cidade ou idílico, o Figueirense⁵¹, a Chapecoense⁵², tudo é alemão, Porto Alegrense. Então assim, os alemães tiveram muito influencia no Grêmio, mas o Grêmio não era um clube fechado a alemão, mas era um clube amigos quando surgiu. Era um clube ali, era o grupinho que se conhecia ali e quando vê “vamos formar um clube.” Eu não estou aqui postando nos classificados de Porto Alegre “ó, venham todos formar um clube!”. Não. “Vamos lá, vamos, nós somos amigos, vamos formar um clube para bater uma bola final de semana”. Quem é que estava pensando em campeonato? Em 1903 nem sabia o que era futebol. Eles fundaram nesse espírito. E o clube foi crescer tanto, quer dizer, o clube só foi realmente se desenvolver patrimonialmente a partir do momento onde o campeonato da cidade começa. O campeonato da cidade começa em 1910 e daí o Grêmio pensa em comprar a Baixada que era onde estava alugando, compra a Baixada primeiro e depois que comprou a Baixada, constrói o primeiro pavilhão social. Daí que está montando realmente a casinha, aí tu está virando uma coisa maior. Esse período assim do surgimento do futebol na cidade é o momento onde todas as populações da cidade vão encontrar o futebol de verdade, vão ver vários times jogando uns contra os outros e vão começar a surgir o despertar da ideia de se identificar com um clube ou com outro, o que vai se dar a partir da década de 1920, realmente a identificação. Só que o Grêmio, o Grêmio que era superior, sempre foi superior ao FussBall, vai ser desafiado pelo Internacional. Que surge nessa ideia de combater os alemães dominantes de Porto Alegre e desafia o alemão, que eles viam como alemão, que era o Grêmio, a primeira partida. E o Grêmio “quem sabe a gente joga com os reservas, com o nosso segundo time contra vocês? Porque vocês nunca jogaram, não tem experiência”. Daí eles “não. A gente quer jogar contra vocês. Porque a gente quer ser melhor.” E esse é o espírito. Então na verdade a rivalidade do GreNal⁵⁴ ela surge antes do primeiro jogo. Ela surge no espírito que acontecia antes. Isso é uma outra coisa que não está escrita ainda por aí.

L.A. – Ainda bem que você está aí para trabalhar um pouquinho mais para escrever [risos]. Carlos, tem mais alguma coisa que eu não te perguntei que você queira registrar?

⁵⁰ Coritiba Foot Ball Club.

⁵¹ Figueirense Futebol Clube.

⁵² Associação Chapecoense de Futebol.

⁵⁴ Grêmio x Internacional.

C.M. – Não que eu me lembre. Não sei, pode ser que depois eu me lembre de dizer alguma coisa, mas se tu quiser tu pode me perguntar por escrito também, pode vir aqui outras vezes também, estamos aí.

L.A. – Tranquilo. Eu provavelmente virei mesmo. Então, vou finalizar te agradecendo mesmo. Obrigada. Foi show de bola.

[FIM DA ENTREVISTA]